

**RESENHA**

**THE FAILURE OF CAPITALIST PRODUCTION:  
underlying causes of the Great Recession.**

Andrew Kliman

New York: Pluto Press, 2012.

Recebida em 31 de Julho de 2015

Aprovada em 10 de Outubro  
de 2015

O livro *The failure of capitalist production: underlying causes of the Great Recession*, de Andrew Kliman, professor de Economia da Pace University (EUA), aborda um tema econômico crucial: detectar as causas da Grande Recessão dos EUA de 2007/2008, também conhecida como crise do *subprime*. Especificamente, o autor consegue transmitir de forma rigorosa e concisa as causas centrais que levaram à crise do *subprime*, expondo também as limitações das teorias econômicas que tentam explicá-la.

O livro está estruturado em nove capítulos. Neste livro, Kliman classifica a Grande Recessão como sendo uma crise típica do capitalismo, proveniente da queda da taxa de lucro. No primeiro capítulo, o autor apresenta as ideias básicas do livro que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes. Primeiramente, ele expõe sua tese de que a Grande Recessão decorreu da queda da taxa de lucro e de seus desdobramentos no restante da economia. Essa queda gerou uma baixa taxa de acumulação de capital, diminuindo o crescimento do produto nas últimas três décadas. Dada a viabilização do crescimento através do aumento do débito (elevando artificialmente lucro e investimento), isto gerou um situação marcada pela fragilidade econômica e pela propensão a crises.

No Capítulo 2, intitulado *Profitability, the credit system, and the destruction of capital*, Andrew Kliman indica as causas indiretas e os links da crise do *subprime*. Seguindo Marx, ele sustenta que a queda da taxa de

**HENRIQUE MORRONE**

Professor Adjunto do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

lucro foi apenas uma causa indireta da crise. A crise ocorre somente quando existir instabilidade no mercado financeiro e um baixo nível de lucratividade. Na teoria marxista, o crescimento da produtividade se dá via adoção de técnicas poupadoras de trabalho. A redução do trabalho produtivo, quando não acompanhada do aumento da taxa de exploração, gera uma queda da taxa de lucro.

Para o autor, a recuperação incompleta da economia perante as crises das décadas de 1970 e 1980, bem como a condução da política econômica foram elementos centrais para a explicação da crise do *subprime*. Isto ocorreu devido a uma destruição modesta do capital físico, mecanismo responsável pela recuperação posterior da taxa de lucro. Num contexto de baixa lucratividade, a queda da taxa de lucro provocaria a redução da taxa de acumulação de capital, reduzindo emprego e consumo. Seguindo a queda da acumulação, a taxa de juros cairia, incentivando o endividamento e a centralização de recursos no setor financeiro. Isso aumentou a especulação, conduzindo a economia americana para uma crise.

Depois de discutir os aspectos teóricos da crise capitalista e seus desdobramentos, Kliman examina as ações do Banco Central americano. O autor argumenta que a preocupação em evitar

uma década perdida, *à la* Japão 1990, levou o banco a implementar políticas que fomentaram bolhas especulativas. Desse modo, a crise teve como gatilho o estouro da bolha, entretanto, não foi apenas uma crise financeira. O contexto de fragilidade econômica foi central na formação da crise.

No capítulo 4, intitulado *The 1970s – not the 1980s – as turning point*, Kliman examina sua hipótese sobre a década de 1970 ser o verdadeiro período de mudança, sendo o início de um longo período de estagnação econômica. Segundo o autor, a taxa de crescimento apresentou uma queda substancial a partir do primeiro choque do petróleo e nunca se recuperou (exceto durante a bolha tecnológica da década de 1990, *dot.com*). O crescimento da desigualdade iniciou antes de 1970 e a deterioração da infraestrutura e da performance econômica iniciou em meados de 1970. O período de estagnação econômica que sucedeu foi amenizado pelo acúmulo de dívidas, sendo insustentável e lançando as bases para a crises posteriores.

Kliman apresenta uma análise detalhada das causas da relativa estagnação da economia americana no Capítulo 5. Nele, o autor estima a taxa de lucro a preços históricos a fim de validar a tese sobre a estagnação e a posterior crise. Ele demonstra que a queda da taxa de lucro a partir

de 1980 foi responsável pela queda da acumulação de capital, engendrando uma fraca performance econômica. Nesse sentido, o autor vai de encontro às teorias que afirmam que o período neoliberal foi responsável pelo crescimento da taxa de lucro via aumento da exploração.

Em seguida, Kliman faz uma crítica aos diagnósticos baseados na evolução da taxa de lucro medidas a custos correntes. Segundo Kliman, a forma correta de se calcular a taxa de lucro seria mensurar a razão entre o lucro e o verdadeiro montante de capital empregado no passado, conhecido como taxa de lucro a preços históricos. Para ele, a tendência declinante da taxa de lucro encontrada nos dados engendrou a queda da taxa de acumulação, contribuindo para a crise do *subprime*. Em contraste, *physicalists* como Duménil e Lévy rejeitam essa forma de medir a taxa de lucro. Argumentam que a taxa de lucro consiste no montante de lucro em relação ao montante de recursos necessários para repor o capital fixo, denominada taxa de lucro a custos correntes. Utilizando essa definição, eles observaram a recuperação da taxa de lucro a partir da década de 1980. A explicação para a queda da taxa de acumulação de capital decorreria do neoliberalismo (e financeirização), causando o aumento da taxa de exploração.

Para Kliman, a taxa de lucro a custos correntes não é consistente com a teoria marxista. Segundo ele, essa taxa de lucro não representa o que

foi efetivamente avançado como capital, não sendo uma taxa de lucro. O autor apresenta duas críticas aos teóricos que utilizam a taxa de lucro a preços correntes. Primeiramente, ele argumenta que Duménil e Lévy (2005) compararam picos com vales; ou seja, eles confundiram variações cíclicas com tendências de longo prazo. Duménil e Lévy (2005) compararam o vale de 1982 com um pico em 1997, mesmo tendo à disposição dados até 2001. Entre 1982-1992, a taxa de lucro a custos correntes cresceu 44%, enquanto a taxa de lucro a preços históricos apresentou uma queda de 3%. Ambas as taxas apresentaram redução de 1997 a 2001. Por fim, o autor conclui afirmando que a taxa de lucro a custos correntes não ajusta o efeito da inflação corretamente. A taxa de lucro a custos correntes ajusta os efeitos da inflação apenas se não houver mudança de composição do estoque de capital ao longo do tempo, o que obviamente não condiz com a evidência empírica. De acordo com Kliman, 86% do crescimento da taxa de lucro a custos correntes entre 1980 e 2001 se deve à forma incorreta de descontar a inflação.

Kliman analisa os motivos da queda da taxa de lucro no Capítulo 7. O autor realça que a lei da tendência declinante da taxa de lucro de Marx se ajusta bem aos fatos. A relação entre o baixo crescimento do emprego e a reduzida acumulação de capital explicariam a queda da taxa de lucro pós Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, uma vez controlada a obsolescência do

estoque de capital, a queda da taxa de lucro fica mais aparente.

Ademais, Kliman refuta as estimações que apontam uma redistribuição de renda em favor dos capitalistas. Para ele, houve uma substancial redistribuição de renda para a compensação dos trabalhadores a partir da década de 1980. A relação lucro-produto permaneceu relativamente estável pós 1980. Seu diagnóstico aponta que os investimentos não geraram suficientes postos de trabalho a fim de sustentar a taxa de lucro nos patamares anteriores, devido ao aumento da composição orgânica do capital. Desse modo, a revolução das tecnologias da informação contribuíram para o aumento artificial da taxa de lucro num primeiro momento, pois afetaram mais o estoque de capital que os lucros. Entretanto, ajustando-se para esse efeito, a posterior redução da taxa de lucro permaneceria.

Na sequência, o autor critica as teorias subconsumistas da crise do *subprime*. Estas teorias afirmam que a crise decorreu da queda dos salários reais, reduzindo a demanda. A forma de garantir o crescimento foi através do aumento da dívida.

Kliman sustententa que eles incorrem em dois erros principais. Primeiro, consideram apenas a evolução dos salários, não considerando a evolução da compensação salarial, que aumentou durante o período. Ademais, eles empregam um

deflator específico, sem apontar suas limitações. O índice CPI empregado não é uma série consistente, pois antes de 1985 consideram-se os custos dos proprietários das casas baseados no valor das casas, mas para períodos posteriores as estimativas se baseiam no custo de aluguel das moradias. Segundo Kliman, o único deflator que gera resultados consistentes com a queda do salário real é o CPI. Outros deflatores indicariam um aumento dos salários reais a partir de 1980.

Kliman argumenta que a teoria subconsumista não está de acordo com a evidência empírica. A hipótese de que a taxa de crescimento da demanda por investimento não pode exceder a taxa de crescimento do consumo não apresenta suporte empírico. Nos últimos 75 anos, a demanda por investimento cresceu a taxas superiores à do consumo. Os estímulos *ad hoc* adotados pelos subconsumistas (hegemonia americana, gastos militares, marketing, e finanças) para explicar os fatos econômicos demonstram a fragilidade dessa teoria.

Por fim, o autor sugere que as medidas executadas pelo governo visaram salvar o sistema. Para ele, a visão de que uma melhor redistribuição de renda melhoraria o funcionamento do capitalismo está equivocada. O capitalismo é movido pelos lucros, havendo uma relação inversa entre lucros e salários. Assim, Kliman aponta dois cenários: estagnação econômica

com aumento da dívida ou recuperação da lucratividade via destruição de capital. Somente a emancipação dos trabalhadores e esforços a fim de construir uma economia não dependente das leis de acumulação capitalista garantiriam a estabilidade de um novo sistema.

## **BIBLIOGRAFIA**

DUMÉNIL, Gérard. & LÉVY, Dominique. *The profit rate: where and how much did it fall? (USA 1948-1997)*, 2005. Disponível em: <<http://www.jourdan.ens.fr/levy/dle2002f.pdf>>.